

PIO XI

(Memória histórica)

PADRE MISAEL GOMES

A 6 de Fevereiro de 1922, por entre elmos e coiraces dos guardas, o vibrante colorido dos *suiços*, murças purpúreas dos prelados e uma Cruz doirada erguida em mãos de simples clérigo, ao cardinal Bisletti, o mais antigo dos cardiais diáconos, coube o direito de anunciar: «... Temos papa, o Emo. e Rvmo. Cardial Aquiles Ratti, que tomou o nome de Pio XI».

Três meses apenas que havia sido agraciado com a púrpura cardinalícia.

O Historiador

Laureado em filosofia, teologia e direito, a vida passara entre os livros, montões de pergaminhos, palimpsestos e documentos, merecendo salientar-se o Historiador, recebido em 1888 entre os doutos da Biblioteca Ambrosiana de Milão, esta iniciada desde 1609 pelo cardial Frederico Borromeu: 100.000 volumes, 3.000 incunábulo, 25.000 escritos menores, 10.000 manuscritos e 41.000 gravuras. Ali desempenhou o cargo de prefeito de 1907 a 1911.

Conhecedor das vetustas coleções que singularizam a Ambrosiana, manuseava-as, catalogava-as, dispusera-as de modo racional e prático para frutuossíssimas consultas.

Perdidos nos recantos de poderosas estantes, abandonados e esquecidos nas prateleiras, descobriu manuscritos e papiros de inestimável valor. Com paciência os coordenava, interpretava-os e conseguia mesmo dá-los à publicidade, enriquecidos de monografias que, no dizer de um crítico, «formam belo mosaico por onde ressaltam figuras seráficas emolduradas em lauréis e flores».

Ressuscitar fizera ainda alfarrábios e in-fólios de que nem havia memória. Entregue à faina exaustiva de recompô-los e traduzi-los, consumiu a juventude. E quasi sacrificou a vista. E de certo arriscaria a saúde, se por mais tempo demorasse no labor profícuo e inconcusso. *Fama volitat...*

A repercussão do seu nome chegou ao Vaticano. Pio X então o chamou à imponente Biblioteca Pontificia (1911 a 1918), o foco mais ilustre e mais complexo de documentos do Mundo, desde Xisto V, com peças originais que remontam quiçá a 1.100 anos: ao todo 26.000 manuscritos dos mais raros. É dos tesouros preciosíssimos da ciência histórica; porque o Papado, desde a sua origem, instituição de caráter universal, conseguiu documentos que, direta e continuamente, interessam a todos os povos e à civilização que se chama com justiça «civilização cristã».

Não é mais possível, por exemplo, uma história documentada e científica do povo brasileiro, sem a convivência daqueles papéis venerandos, hoje sob a custódia, a salvaguarda moral e efetiva do Papa. Assim, Bula autêntica, do próprio punho de Alexandre VI, estabelece a primeira divisão que se refere ao mundo por se descobrir, e portanto às terras do Brasil antes do seu descobrimento. Trabalhos sobre as «Missões» civilizadoras, os «Relatórios» e as «Narrativas» dos padres jesuitas e das outras Ordens religiosas acerca da organização, vida e características das várias «Capitanias», sobre a política dos Vice-reis, o surgir das primeiras populações no interior do «Sertão», o nascer da primeira agricultura e da primeira indústria no Brasil: em suma, um historiador moderno, que idealize obra científica e diretamente documentada sobre o Brasil, não pode abrir mão daqueles tesouros conservados nos Arquivos do Vaticano.

Leão XIII abriu-os, desde 1895, ao público, com o seu famoso dito: «A Igreja nada tem a recear da luz mais completa em torno da História».

Pois bem, era de ver Monsenhor Aquiles Ratti na quietude, no silêncio fecundador da sua cultura, no trato quasi quotidiano de 12 linguas, preparando-se para os descortinos da Providência; era de vê-lo su-

blimar-se com seu talento privilegiado nos páramos das cogitações humanas, da história e das ciências. Nada como os livros, já o disseram, para despertar à vida ativa as mentalidades criadoras.

A sua obra compõe-se de larga bagagem de trabalhos geralmente pequenos no aspecto material, porém eruditos, substanciosos, frutos de longos e acurados estudos.

Ele foi sócio efetivo do Instituto Lombardo de Ciências e Letras, da Sociedade Histórica Lombarda, dignitário da Ordem de S. Maurício e S. Lázaro na Itália, a gozar de nome conceituado em numerosos centros intelectuais e corporações científicas do Mundo. No ano de 1914, representou a S. Sé na Universidade de Oxford, por ocasião do 7º. centenário do filósofo inglês Roger Bacon, autor do *Opus Maius*, que escreveu a pedido do papa Clemente IV, enfeitando toda a ciência daquela época.

Eleito papa, quis ampliar e facilitar as pesquisas dos estudiosos, criando, na Biblioteca do Vaticano, uma seção modernamente organizada, tal que os cultores da História do Brasil, por exemplo, ali encontrarão não só um mundo de obras d'arte e de livros sem rival, mas também «Documentos» nacionais prestes e prestadios às investigações patrióticas.

Amigo das Ciências

Ainda era bispo de Mântua Dom José Sarto, a trabalhar de manhã no seu gabinete, quando ouviu uma voz que interrogava:— Pode-se entrar?

O bispo levantou-se, abriu a porta e viu um jovem sacerdote desculpando-se de não haver no momento à portaria episcopal quem o introduzisse. Era Monsenhor Ratti, que se encontrava em Mântua para consultar arquivos da Cúria.

— Talvez não tenha ainda celebrado, Monsenhor? perguntou o bispo.

— Sim, Excia., já celebrei na Catedral.

— Então aceitará uma taça de café.

E o bispo saiu do escritório, chamou Ana, Maria, Rosa, porém debalde; suas irmãs estavam ausentes.

—Não faz mal, disse o bispo, vamos, vamos.

Desceram, foram até à cozinha, e aquele que devia ser mais tarde Pio X, preparou e serviu o café a quem havia de sucedê-lo no trono, com o nome de Pio XI.

Foi este o 261.º da série pontifical. Por sua formação e gosto, atendeu com superior interesse ao movimento progressivo das ciências. No arcebispado de Milão, sucessor do grande e santo cardinal Ferrari, a atividade do Arcebispo Ratti experimentou a satisfação de acompanhar devotadamente as obras da Universidade Católica. Já em Roma, cuidou do novo prédio da Universidade Gregoriana, criou a Alta Escola de Arqueologia, fundou a Academia Pontifícia, à qual são hoje admitidos também os cientistas não católicos. Animou a criação na Cidade Eterna do Colégio Russo e do Brasileiro, ambos ora florescentes; antes os filhos do Brasil eram alunos do Colégio Pio Latino Americano, a frequentarem, como hoje ainda continuam, a Universidade Gregoriana, antigo Colégio Romano. Além de proteger vários estudos e criar a Universidade de Polônia, aconselhou a criação da de Washington e de vários Seminários, dentre os quais o de Venegono, perto de Désio, o torrão natalício. À sombra dos Alpes, com capacidade para 1.000 estudantes, em dimensões excede ao de Colônia, e sua construção elevou-se a mais de 6 milhões de liras italianas.

Promotor, animador e guia da Exposição da Imprensa Católica, realizada na Cidade do Vaticano em 1936, com especial carinho por vezes recomendava o expandir-se da boa imprensa.

A Encíclica «*Rerum Orientalium*» apontou a toda a Europa e ao resto do mundo o que há de bom no Oriente, recomendando principalmente às Universidades o estudo do mundo grego-bizantino, do eslavico e do islâmico. Aconselhou a instalação de Faculdades especiais ou, pelo menos, de cadeiras nas Universidades, para ciências do Oriente, suas línguas e literatura, história e arqueologia, liturgia e direito canônico, das terras unidas a Roma, assim como das separadas. Ofereceu ainda o Instituto Oriental Romano para nele estudarem jovens de todo o mundo.

Zelo de Apóstolo

Objeto da sua predileção apostólica os sacerdotes; porem dispensou máxima solícitude pastoral aos operários, aos católicos perseguidos no México e Espanha; à luta contra o comunismo ou soviétismo russo, contra os rebeldes contumazes de *L'Action Française*, contra as idéias subversivas, as doutrinas racistas ou neo-pagãs, defendendo a todo transe a liberdade e dignidade humanas, em opposição à tirania dos Césares. Na audiência a 500 padres e leigos espanhóis, refugiados da Itália, falou com ternura: «Aqui estais para nos contar a tribulação de que trazeis os sinais visíveis nos rostos, nos gestos e palavras, de luta e de dor. Sois um espetáculo aos nossos olhos e aos do mundo. Viestes dizer-nos a palavra santa da perseguição *in nomine Iesu*, por amor de Jesús. Despojados de tudo, perseguidos nas cidades e aldeias, nos palácios e tugúrios,—julgo-me indigno de possuir tais filhos.»

Palavra doce e compassiva; mas, desassombrada e intrépida na sua fé, *fides intrepida*, aos ouvidos de Hitler e Mussolini, ressoou. Bem sabia que os obstáculos criados à Igreja são incidentes transitórios. Eis que os corações levantava e esclarecia as inteligências. «O maior perigo,—disse o S. Padre,—e o mais espalhado sob todas as formas e graus, é o comunista. Ele ameaça e combate abertamente ou arma ciladas a tudo: à dignidade individual, à santidade da família, à ordem social, à segurança do casamento e, sobretudo, à religião. Vai até a negação aberta e organizada de Deus. Especialmente da religião católica. Uma literatura copiosa e infelizmente muito espalhada, faz a difusão do seu programa, como se prova pelos movimentos já executados ou tentados em vários países,—Russia, México, Espanha, Uruguai e Brasil. É um perigo grave, perigo para todo o mundo».

Nas memoráveis Encíclicas, para só recordar os trabalhos mais importantes em que o S. Padre vasou primores da sua inteligência, estudou os modernos problemas, desde questões econômicas e políticas, o casamento cristão e a educação da juventude... até

a influência do Rádio e do Cinema. Sobre a educação da mocidade: «Nunca poderemos nos acomodar, disse S. Santidade, a qualquer iniciativa que restrinja ou negue o direito que a natureza e Deus asseguram à Igreja nos domínios da educação.» Sobre a campanha contra o mau filme, desceu a minúcias e traçou regras práticas de organização.

Falou ao mundo nas festas jubilares dos santos, de Francisco de Sales, S. Bernardo, Tomaz de Aquino, São Josafá, S. Francisco de Assiz; sobre as palavras de suas armas: «A paz de Cristo no reino de Cristo», sobre Cristo-Rei, as Missões, a unidade religiosa, sobre o estudo «*Rerum Orientalium*», das cousas orientais, e publicou uma Constituição Apostólica em torno da liturgia e da música sacra.

Pio XI desenvolveu todas as forças da Ação Católica, o ingresso dos leigos no Apostolado da Igreja. Fez soar a hora decisiva da atividade religiosa e social. Também a atividade missionária incrementou, ao ponto de proclamar-se o «Papa das Missões». Deve-se-lhe, em 1925, a estupenda Exposição Internacional Missionária e a respectiva fundação de um Museu no palácio Lateranense. Quis por todos os recantos do mundo se propagassem as missões; que desses mesmos trabalhos participássemos com o auxílio material e a oração; que não ficássemos indiferentes às necessidades, aos sacrifícios dos missionários. Só a Igreja Romana pode assim promover o abraço geral dos povos da terra, apontando-lhes a futura irmandade do céu.

A voz do novo arauto da Fé, como dos antigos profetas, se não aplacou os ardores do moderno ceticismo, pensou a muitas chagas entre pobres e humildes. Serenou por momentos a luta de classes; afastou um sem-número de perigos. Brilhou o poder do amor que se fez servo, do amor que se fez mediador, do amor que se fez pregador.

Paz de Cristo

A continuar a obra pontifícia, a ação conciliadora de Paulo III, Urbano VIII e, mais perto de nós, Leão XIII e Bento XV,—o imortal Pio XI até na es-

colha do próprio nome, justificou: «Sob o reinado de Pio IX fui incorporado à Igreja Católica e dei os primeiros passos na carreira eclesiástica. Pio X chamou-me a Roma. Pio é um nome de paz. Desejoso de consagrar os meus esforços à obra de pacificação mundial, à qual se consagrou o meu antecessor Bento XV, escolho o nome de Pio.»

Foi o 1.º papa que, depois de 1870, da *loggia* externa da Basílica, lançou a sua benção não só à multidão que se acotovelava na praça de S. Pedro, mas a todo o Mundo, qual penhor de «*quella universale pacificazione che tutti ardentemente sospiriamo.*» Logo na sua primeira Encíclica, demonstrou intuito de estabelecer a paz de Cristo no reino de Cristo. Foi essa idéia uma obsessão, por assim dizer, de Pio XI: durante o seu pontificado nunca abandonou.

Fino diplomata, sobressaiu desde as diretrizes que o representante da S. Sé, Monsenhor Aquiles Ratti, como Visitador Apostólico, logo Núncio, Arcebispo titular de Lepanto, se traçou em Varsóvia, onde o enviara a obediência, a participar da ressurreição da Polônia católica e independente, até os Tratados de Latrão, nas negociações com a Itália, durante três anos, sob as vistas e influência imediata do pontífice. Confessa Pio XI que orou e refletiu quasi a cada frase. E o cardinal Vanutelli julga que «o Papa Pio XI dirigiu as negociações que terminaram felizmente pelos tratados de Latrão, com tacto sobrehumano, sentindo-se a cada passo a inspiração divina, a força do Divino Espírito-Santo a orientá-lo».

O Estado «Cidade do Vaticano» reobteve a íntegra dos direitos que vicissitudes políticas lhe haviam roubado,—59 anos da brecha da Porta Pia.

A chamada Questão Romana preocupou sempre a atenção dos estadistas da península sobretudo, constituindo porem a sua resolução satisfatória, acontecimento de importância transcendente, extraordinária. Mercê de Deus, nunca faltava ao prisioneiro do Vaticano apoio, adesão inquebrantável e as francas manifestações de amor do povo fiel. Este considerava a soberania papal uma garantia necessária. Pio XI pode reconquistá-la por cometimento heróico e decisivo.

A cidade da religião, cidade da arte e da ciência, a Cidade do Vaticano, transformada em Estado, é o menor na superfície, o maior de todos pela influência moral; sua bandeira, símbolo de paz e amor no seio da Cristandade.

Em Setembro de 1938, quando o espectro da guerra estarreceu os povos, porque as nações mais importantes da Europa iniciavam a mobilização das forças armadas; quando os chefes de quatro governos se reuniram em Munich para decidir da paz ou da guerra, o Chefe da Igreja fez ouvir a todo o mundo a sua voz, entrecortada de soluços, a oferecer a Deus a própria vida pela paz do Universo.

Conclusão

Parece-me ato de simples justiça reconhecer e proclamar a eficiência do imortal Pio XI: o seu dinamismo, agilidade mental, profundo conhecimento dos problemas, modo de interferir e ritmo insuperável de atuação. Em mensagem coletiva dos plenipotenciários diplomáticos junto à S. Sé, o embaixador do Brasil, Magalhães de Azeredo, exalçou-lhe a atividade nos 50 anos de vida sacerdotal, guiada exclusivamente pela Fé, consagrada também ao culto da Ciência.

Sem embargo, «Ainda temos tanto que fazer!» loram as palavras do Papa, a revelar-nos pela última vez a alma e a inteligência, os seus anseios pelo bem, pela humanidade, pela causa da civilização. Desejou prosseguir no combate ele que cumpriu a tarefa, *bonum certamen certavi* do apóstolo S. Paulo, e lutou, chefe supremo da maior de todas as cruzadas, lutou galhardamente até o fim. Soberano de 600 milhões de católicos, foi o homem dos tempos modernos, esplendor do seu século, «o líder moral e espiritual do Mundo»; teve o senso prático do momento histórico.

Perdura a sua obra.

Na célebre data de 20 de Setembro de 1870, angustiado Pio IX, afirmou aos 17 representantes diplomáticos reunidos numa sala dos aposentos pontifícios: «Senhores, queria poder dizer-vos que conto convos.

co... Mas o Papa não conta mais com pessoa alguma aqui na terra. Lembrai-vos, porem, que a Igreja é imortal.»

Eis o segredo.

Em modernas escavações das catacumbas romanas, encontraram, numa lâmpada, esta inscrição: «Pedro não morre.» De fato, a sua cadeira é inamolgável; porque assenta na onipotência divina. Acaba de reaparecer o velho Timoneiro na pessoa de Pio XII, adornada da estola de ouro, primacial, da verdade e da justiça! Entretanto, podemos concluir: Pio XI foi dos maiores gênios que ocuparam a cátedra de Pedro. Papa e Rei, a tiara cingiu de pontífice, sábio e santo. Amigos e cultores da História, membros do Instituto do Ceará, cumpre-nos, nesta hora, fixar-lhe a personalidade insigne.

Acresce que o Brasil, além de muitos favores e benevolências recebidos, no Ano Santo em que se fez representar por uma peregrinação a Roma, foi por ele tratado com máxima deferência e paternal solicitude. Não houve dos peregrinos quem lhe não guardasse a figura inconfundível, a candura da sua veste, o seu olhar, o seu sorriso. Todos recordam o gesto carinhoso do Vigário de J.-Cristo no momento em que ainda ressoavam pelo Vaticano os acentos do hino nacional brasileiro: em suas mãos augustas tomou Pio XI e osculou as dobras auri-verdes da nossa Bandeira!

(4 de Março de 1939)